

CAMERA VIVA/DANÇANTE: UM EXPERIMENTO METODOLÓGICO EM ANTROPOLOGIA

DEIVID GARCIA VIEGAS¹; DANIELE BORGES BEZZERA²;

¹*Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – deivid.danca@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – borgesfotografia@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar a “Câmera Viva/dançante” como uma possibilidade metodológica experimental para registro, experiência e produção de campo na antropologia. Essa proposta surge no decorrer de uma pesquisa que tem como objetivo reconhecer os significados culturais e sociais atribuídos às práticas e experiências nas batalhas de *Hip Hop dance* no Sul do Brasil levantando a questão sobre a possibilidade de compreendê-las como um tipo de ritual, analisando “estruturas, anti-estruturas, símbolos rituais e comportamentos recorrentes nesses eventos” (Turner, 1974).

A Câmera viva é um experimento metodológico que parte de registros produzidos por meio de uma câmera de ação acoplada ao pesquisador, a fim de registrar e propor uma experiência sensorial para quem acompanha a pesquisa e proporciona uma oportunidade do pesquisador adentrar de forma profunda no campo de pesquisa.

A pesquisa na qual desenvolvi esse experimento metodológico foi motivada por minhas vivências como dançarino, organizador e competidor, bem como pelas perspectivas dos demais dançarinos presentes nas batalhas.

Batalhas essas que são elementos ou os próprios eventos de competição entre dançarinos de Hip Hop Dance, que “é um estilo de dança híbrido, que surge em meados dos anos 80 nas festas de dança nos EUA, o que permite uma grande possibilidade de improviso e expressividade e totalmente ligado a *Hip Hop Music*” (CABRAL, 2023, P22). Em que os dançarinos ou equipes de dançarinos são colocados frente a frente e tem de se enfrentar por meio de improvisos de dança, o qual apenas um dançarino ou equipe sai vencedor.

Para desenvolver essa pesquisa sobre batalhas de hip hop dance, busquei metodologias que pudessem dar suporte e me ajudassem a desenvolver essa pesquisa por ter um caráter etnográfico assim inicialmente comecei pensando num diário de bordo e diário de campo (MALINOWSKI, 1976 [1922]), além de registros audiovisuais, é nesse contexto que surge a proposta.

2. METODOLOGIA

Inicialmente como dançarino que faz parte das batalhas eu parto de um olhar de dentro (MAGNANI, 2005), parto para o campo a fim de compreender as batalhas, pensando as categorias, entre, momento, ritual, dança, conflito, buscando olhar pra essas práticas de forma mais próxima, ou seja pensando nas pessoas que as praticam em como ela se entendem e como vivem suas experiências nos eventos, evitando percepções macro dessa experiência.

Inicialmente eu pensava em desenvolver a pesquisa como um observador participante(MALINOWSKI, 1976 [1922]; FOOTE-WHYTE, 1975), fazendo registros por meio do diário de campo e vídeos, entretanto como dançarino o próprio campo me obrigava a dançar, fazendo com que eu estivesse dentro da

prática do campo, porém isso “atrapalhava” as minhas ferramentas de registros iniciais, pois para gravar eu precisaria estar atento a câmera e para observar e anotar eu deveria me afastar da prática de dança, entretanto as pessoas presentes no meu campo sempre me faziam voltar para dança e assim eu me encontrava em um dilema “danço ou registro?” e nesse momento que percebo a pesquisa como uma antropologia sensorial pois como traz Fravet-saada:

Se eu ‘participasse’, o trabalho de campo se tornaria uma aventura pessoal... mas se tentasse ‘observar’... manter-me à distância, não acharia nada para ‘observar’. No primeiro caso, meu projeto de conhecimento estava ameaçado, no segundo, arruinado. (FAVRET-SAADA, 2005, p. 156)

Então para desenvolver a pesquisa eu precisava fazer parte dela como dançarino, mas como mantenho distância e registro? Assim que surge a ideia de uma câmera acoplada em meu corpo, o que inicialmente resolve o problema com os registros por vídeos, já as anotações de campo se resolveram, com anotá-las no momento em que eu chegava em casa.

Então assim acabei por definir o equipamento, uma câmera GoPro hero black 12, um chest (equipamento para prendê-la ao meu tronco), 3 baterias, 1 carregador de bateria e o meu corpo, pois ele que permitia a câmera se mover. Desse modo comecei a ir a campo nos eventos de batalha com a câmera acoplada em meu corpo, sempre com a autorização dos organizadores dos eventos. dançava como eu sempre fiz na minha vida de dançarino, claro com um “negócio” no peito, que por muitas vezes atrapalhava a performance da dança, mas neste momento foi a melhor alternativa que encontrei.

No processo da pesquisa também ocorreu uma questão, que era, o que fazer com esses registros? Assim surgiu a proposta de desenvolver um filme experimental e documentário sobre as batalhas de dança, que se constitui a partir de uma ideia de montagem, pois nesse processo “A montagem desestabiliza o lugar do antropólogo como narrador soberano da experiência, abrindo espaço para múltiplas vozes e sentidos.” (ELIAS, 2020, p. 44), ou seja, permitia que meus amigos/interlocutores também tivessem voz além da minha escrita, pudessem ser assistidos e escutados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Deste modo ao longo dos sete campos realizados, foram produzidas mais de 40 horas de gravação das batalhas e encontros dos dançarinos nos eventos, conversas e muita dança compartilhada. Nesse processo foi sendo percebido que essa câmera não registrava apenas, mas sim também dançava.

Aqui digo dançava, porém ela não era um objeto com membros e um corpo complexo como o humano, com braços, perna, tronco, mas sim na forma que ela captava o todo, e sempre que eu visitava as imagens captadas por ela, não era meus olhos que viam os eventos, pois o evento na minha memória não era daquele mesmo modo, afinal ela estava vendo o mundo da altura do meu coração, olhando sempre pra frente, na direção da frente do meu tronco, e ela via coisas que meu olhos perdiam.

Assim começamos a chamar ela de não gopro, mas sim de câmera dançante, pois ela tinha sua própria dança, tinha seu momento de descanso, quando eu precisava desligar para trocar a bateria, dependendo do evento ela

tinha uma posição importante, pois ela que registrava o evento e para nos dançarinos esses registros são importantes.

A importância desses registros não se dá apenas pelo lado da pesquisa, mas também como forma dos dançarinos divulgarem seu trabalho, como portfólio e comprovação que são artistas ou como forma de auto-avaliação dos dançarinos que se analisam ao assistir a própria dança.

Nesse processo que a câmera encontrou seu primeiro desafio e seu primeiro desdobramento, como eu estava em uma competição, o chest atrapalhava os movimentos, eu dançarino/pesquisador como componente da comunidade deveria tentar ganhar, assim para resolver o problema, a câmera perdia uma de suas partes o meu corpo, assim eu podia dançar livremente para adentrar ao máximo o campo.

Entretanto, a câmera nunca parava de captar o mundo a sua volta e nesse processo, que percebi que essa câmera é viva, pois ela não precisava de mim, como intermediário, pois ela também me via ou seja ela não estava presa a minha percepção das coisas, ela percebia por ela mesmo o mundo a sua própria volta não a minha volta, pois ela me vê dançando, ela vê outros dançando, ela dança comigo e tem seu próprio momento de descanso.

No processo passei a ficar preocupado pois não é uma captura feita com diversos ângulos, ela sempre estava gravando por meio de uma visão panorâmica, então não seria um filme cinematográfico, até que cheguei ao filme Leviathan, que é um filme documentário sobre um barco pesqueiro em alto mar, capturando peixes, despejando dejetos, que é focado na experiência sensorial do espectador, colocando quem assiste no lugar dos pescadores, dos peixes, dando uma vida única ao barco, embora tenha ângulos e enquadramentos diferente da câmera viva a proposta de ambos se aproxima.

Assim passei a me preocupar menos com o que precisava ser gravado, pois sabia que ela ia captar os elementos importantes presentes na pesquisa, deixando que a própria câmera visse e captasse o mundo à sua volta. Além disso, através do processo de montagem ela também poderia comunicar e transmitir o que ela vê, e o que os dançarinos presentes nas batalhas vivem e pensam e busca colocar quem assiste no lugar de dançarino.

4. CONCLUSÕES

Portanto por meio dessa câmera que parece estar viva, é possível registrar antropologicamente nossos campos de modo que possamos estar de forma entregue ao campo deixando-nos afetar e viver o campo de forma plena sem perder os elementos. Além disso, por meio da câmera viva/dançante é possível perceber o campo de um modo que não é com nosso corpo, mas sim por meio da perspectiva de um olhar companheiro.

Também por meio dessas câmeras é possível proporcionar a quem lê e assiste o trabalho uma experiência sensorial, que no meu caso é dançante, do Leviathan e daquele “monstro” marinho, permitindo que quem está acompanhando compreenda melhor o campo de pesquisa apresentado.

5. REFERÊNCIAS

CABRAL, Jeferson Leonardo Manfroni. **Batalhas da vida:** um estudo das batalhas de dança e a preparação dos/as artistas de Hip Hop Dance. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Dança) – Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2023. 90 f.

DEVOS, Rafael Victorino. **LEVIATHAN.** Ilha Revista de Antropologia, Florianópolis, v. 16, n. 1, p. 251–259, 2014. DOI: 10.5007/2175-8034.2014v16n1p251. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/2175-8034.2014v16n1p251>>. Acesso em: 25 ago. 2025.

ELIAS, Alexsânder Nakaóka. **Mapa visual:** a (des)montagem como experimentação antropológica. Iluminuras, Porto Alegre, v. 21, n. 53, p. 39–66, ago. 2020.

FAVRET-SAADA, Jeanne. **As palavras, a morte, os sortilégios:** feitiçaria no interior da França. Tradução de Flávia Nascimento. São Paulo: Editora 34, 2005.

LEVIATHAN. 2012. Direção: Véréna Paravel e Lucien Castaing-Taylor. 87 minutes/DCP/1.85:1/Dolby 5.1/USA/France/UK. Trailer Disponível em: [Leviathan \(Trailer\)](#)

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais.** São Paulo, v.17, n.49, p.11-29. Disponível em: [From close up and within: notes for an urban ethnography](#). Acesso em: 15/08/2025

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico ocidental:** um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné, Melanésia. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1976 [1922].

FOOTE-WHYTE, William. **Treinando a observação participante.** In: Alba Z. Guimarães (org.). Desvendando máscaras sociais. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.